

FELICIDADE: FOI-SE EMBORA?

FELICIDAD: TE QUEDASTE?

HAPPINESS: HAS IT GONE AWAY?

Sandra POTTMEIER¹
Caique Fernando FISTAROL²
Marta Helena Cúrio de CAETANO³

Felicidade foi-se embora? escrita por três grandes pensadores: Frei Betto, Leonardo Boff e Mário Sérgio Cortella é uma obra disposta em 130 páginas publicada em 2016 pela Editora Vozes, a qual é constituída por três partes: “**Quanto custa ser feliz?**”, tecida por Frei Betto; “**Felicidade: não correr atrás de borboletas, mas cuidar do jardim para atraí-las**”, produzida por Leonardo Boff; e a terceira e última parte, “**Felicidade: uma presença eventual, um desejo permanente...**” de autoria de Mario Sérgio Cortella.

Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, é um frade dominicano, escritor, graduado em Jornalismo, Antropologia, Filosofia e Teologia. É militante dos movimentos pastorais e sociais e vencedor do prêmio Jabuti por duas vezes. Genézio Darci Boff, conhecido por Leonardo Boff, é escritor, filósofo e teólogo. Foi professor de Teologia Sistemática no Instituto Franciscano de Petrópolis, e posteriormente professor de Ética, Filosofia da Religião e de Ecologia Filosófica na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Mário Sérgio Cortella é filósofo formado na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Medianeira, mestre e doutor em Educação com ênfase em Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, instituição esta onde atuou como professor no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Os autores tecem tal obra apoiados em uma perspectiva social, cultural, ideológica e política apoiada na dialética e nas relações humanas. Narram sobre suas experiências e suas vivências em diferentes épocas de sua trajetória pessoal, profissional e religiosa em que foram felizes referenciando filósofos, sociólogos, economistas, religiosos, escritores, poetas que

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7328-8656>. E-mail: pottmeyer@gmail.com

² Secretaria Municipal de Educação de Blumenau (SEMED), Blumenau – SC – Brasil. Coordenador de Línguas Estrangeiras– Línguas Alemã e Inglesa e do Ensino Bilíngue Municipal. Mestrado em Educação (FURB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7650-7324>. E-mail: cfersf@gmail.com

³ Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau – SC – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6247-2463>. E-mail: mhelenacc@gmail.com

dialogam e coadunam com as suas ideias, com os seus pensamentos, com as suas reflexões acerca do tema felicidade. Destoam assim, de uma concepção de ser humano assentada em uma perspectiva superficial e reducionista: aquela vinculada à mercadoria ou meio de consumo em um mundo globalizado sob influência direta do capital. Os autores rompem ainda com uma ideologia capitalista em que o ser humano é dependente de bens materiais para ser/tornar-se feliz. Este livro é, assim, direcionado para qualquer público interessado pelo tema felicidade e no que pode aí estar imbricado a partir dos diferentes sentidos atribuídos a esta palavra⁴, assim como aos valores que cada leitor compreende ser e/ou ter a felicidade, se é ou está feliz.

Outrossim, constitui-se de uma leitura indispensável para profissionais que atuam no campo da Educação, das Ciências da Linguagem, das Ciências da Religião e da Filosofia, voltada também para estudantes dos respectivos campos do saber. Leitura fluída de linguagem acessível e compreensível, a qual instiga o leitor a se debruçar sobre os pensamentos críticos e esclarecedores dos autores no que se refere às mais variadas maneiras de problematizarmos o que é a felicidade, quais sejam: como mercadoria, como bem espiritual, conforme discorre Frei Betto; ou ainda centrada no cuidado que temos e/ou devemos ter com o planeta Terra/Mãe Terra/Gaia, torná-lo/la sustentável a fim de “encontrarmos” a felicidade de acordo com Leonardo Boff; ou em uma tessitura mais suave sobre essa discussão apregoada por Frei Betto e Leonardo Boff, da dicotomia da felicidade *versus* meios de consumo/capital, Cortella trata da felicidade como partilha, na troca com o outro a partir de ações simples, singulares e transitórias, portanto, descontínuas, como é o fluxo da nossa história, que está sempre em processo de aprender, de crescer, de ser, de tornar-se [mais] humano!

Na primeira parte, Frei Betto (2016) faz uma crítica de que a Felicidade não pode ser encontrada tampouco ter seu valor a partir de uma sociedade que se fundamenta prioritariamente nos bens de consumo, na mercadoria, baseada no capital. Abre o capítulo indagando: “**Quanto custa ser feliz?**”, assim como o autor também se questiona: “Sou feliz?” (BETTO, 2016, p. 11). Frei Betto (2016) discorre em seu texto refletindo sobre as suas escolhas, sobre as suas experiências durante sua existência, à época da escrita do livro, até sua chegada aos 71 anos de idade, num mundo em que as pessoas ainda estão mais preocupadas

⁴ O conceito de palavras o qual tomam as resenhistas é assentado na perspectiva enunciativa-discursiva de Bakhtin e seu Círculo. “A palavra é a ponte, o elemento de mediação. É a palavra que carrega de um para o outro o ponto de vista único de cada um, e que vai constituir o outro, me constituindo. [...] a *palavra* assume sentido ideológico enquanto enunciado, repleto de vozes e com entonações valoradas [...]. Logo, por estar diretamente envolvida nas relações humanas, é o indicador mais sensível das transformações sociais, contendo em si as lentas acumulações que ainda nem ganharam visibilidade ideológica, mas que já existem” (GEGE, 2009, p. 84-85, grifos do grupo).

com o ter do que com o ser, portanto, pautam-se em obter bens materiais do que valorizar as relações humanas.

Na visão de Frei Betto (2016), entretanto, muito pouco se precisa para viver. O autor afirma: “[p]ouco desfrutei disso que muitas pessoas consideram imprescindíveis a uma vida feliz: dinheiro, conforto e acesso fácil a fontes de prazer” (BETTO, 2016, p. 11). Ao contrário, para Frei Betto (2016) ter boa saúde, ter um teto, amigos, ter uma família, não ter passado fome são sentidos que este considera serem suficientes para a sua existência. Portanto, “[t]raz-me felicidade o sentido que imprimir à vida” (BETTO, 2016, p. 13). Além disso, para Frei Betto (2016), a felicidade é momentânea, quando podemos usufruir desses momentos na “companhia da pessoa amada; o almoço em família; a roda de amigos; uma viagem interessante; o sucesso conquistado; contemplar o horizonte do alto de uma montanha...” (BETTO, 2016, p. 16). Ou seja, para o autor a felicidade emerge e/ou se encontra nos gestos simples do dia a dia, da/na/pela relação humana vivida com o outro (pai, mãe, irmão, irmã, amigo, amiga, entre outros), dos sentimentos de afeição e carinho entrelaçados nessas interações sociais⁵, da solidariedade. Na contramão está o capitalismo que mercantiliza as pessoas, as diferentes esferas sociais (familiar, escolar, midiática, entre outras) e a própria natureza.

No contexto do capitalismo, conforme destaca Frei Betto (2016, p. 18), este “ainda não conseguiu mercantilizar o bem maior que todos buscamos: a felicidade”. Felicidade essa que se constitui a partir das experiências que são subjetivas na/pela relação com o outro, e que considerada também como “uma mudança do estado de consciência” (BETTO, 2016, p. 19). O sistema capitalista pautado no capital/dinheiro não busca “formar cidadãos”, “quer gerar consumistas”, conforme ressalta Frei Betto (2016, p. 19). Implica assim, em semear, cultivar e disseminar valores não da subjetividade, mas sim, da objetividade do ser humano consumista em que a felicidade é encontrada e/ou é resultado da junção de prazeres apenas materiais e não sociais, a partir de um modelo fixo/pronto de felicidade.

Este modelo passa a dominar uma sociedade a qual reverbera nos discursos, nas ações, nas formas de pensar, de agir, de sentir, de ser -, marcado ideologicamente pelo “modelo de felicidade, em geral baseado no consumismo, para reforçar o mercado. E, assim, cria um sentimento de inferioridade naqueles que não se enquadram no modelo prevalente” (BETTO, 2016, p. 31). Ou seja, os sujeitos sentem-se frustrados, incapazes e infelizes por não

⁵ “A interação e, portanto, o diálogo ininterrupto que resulta desse confronto e que constitui a natureza da linguagem. Para Bakhtin [e isso permeia toda a sua obra], viver é tomar posições continuamente, é enquadrar-se em um sistema de valores e, do interior dele, responder axiologicamente” (GEGERE, 2009, p. 64, grifos do grupo).

conseguirem ‘comprar’ a felicidade almejada/desejada que traz prazer e alegria. Difere, portanto, daqueles valores inscritos na amizade, na fidelidade, na generosidade, na solidariedade, da alteridade⁶, em que se situa uma sociedade mais justa, mais fraterna, uma vez que [n]inguém é feliz sozinho, pois sozinho ninguém se basta” (BETTO, 2016, p. 28). Assim, a felicidade é compreendida como um bem espiritual, aquele que concede a vida a outras vidas, “que nos faz amar a vida sem, no entanto, nos apegarmos a ela” (BETTO, 2016, p. 26).

Na sequência, Leonardo Boff (2016) tece “**Felicidade: não correr atrás de borboletas, mas cuidar do jardim para atraí-las**”. O autor entende que “a felicidade nunca desaparece do horizonte humano; é uma busca incansável e interminável” (BOFF, 2016, p. 42). A felicidade “é resultado da construção de um jardim, com afeto e com coração” (BOFF, 2016, p. 77). Logo, a felicidade sob essa ótica é encontro e desencontro, contínuo e descontínuo a partir das experiências, vivências e posições/escolhas que os sujeitos fazem/realizam na sua trajetória de vida, na relação com o outro. Tal qual revela-se e assume-se “um estado de espírito que não pode ser medido e pesado, apenas vivido, [sentido] e compartilhado” (BOFF, 2016, p. 44, grifos das autoras).

A felicidade, ainda segundo Boff (2016, p. 44) “precisa ser cultivad[a], cuidad[a] e alimentad[a]”. Isso, pois o ser humano é um ser frágil que precisa de afeto, de cuidado, de zelo, de compreensão para transcender suas limitações e frustrações a fim de buscar/encontrar o equilíbrio entre o corpo e a mente. Neste sentido, o autor faz uma crítica a indústria ilusória da felicidade nominada *autoajuda*.

Esse tipo de literatura veiculada de maneira mais acessível a qualquer público (à venda em farmácias, supermercados, livrarias, entre outros), negligencia, camufla e, por vezes, anula, apaga a verdadeira essência do ser ao oferecer uma resposta, uma certeza, uma ‘cura momentânea’, uma superficialidade que reforça o caráter utópico da felicidade, aquela vendida como mercadoria, como bem de consumo para alívio imediato dos sintomas e queixas de sofrimento, tristeza, frustração, ao contrário de uma “felicidade verdadeira”, “felicidade sustentável”, aquela que se encontra na “profundidade da vida” (BOFF, 2016, p. 48-52).

⁶ “Para Bakhtin, é na relação com a *alteridade* que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das *palavras*, dos *signos*. Constituímo-nos e nos transformamos sempre através do *outro*. [...] A alteridade é fundamento da identidade. Relação é a palavra-chave na proposta de Bakhtin. Eu apenas existo a partir do Outro” (GEGe, 2009, p. 13-14, grifos do grupo).

Boff (2016) preocupa-se com esse consumo desenfreado, do querer mais, sempre mais, de que as pessoas e objetos passam a ser instituídos como mercadorias na busca incessante por esta felicidade que é em certa medida, comprada. Mercadoria esta movida pelo capital e tangenciada para o não cuidado com o planeta Terra/Mãe Terra/Gaia/Casa Comum, o não cuidado de si e com o meio em que vivemos, portanto, não sustentável. Ainda para o autor, Planeta este que é interligado, interdependente e todas suas partes se inter-relacionam. A felicidade da Mãe Terra como aponta Boff (2016, p. 57) “implica [e exige] que cuidemos de cada ecossistema, compreendendo as singularidades de cada um; sua resiliência, sua capacidade de reprodução e de manter as relações de colaboração e mutualidade com todos os demais seres em presença, já que tudo é relacionado e incluído”.

Portanto, cabe pensar a felicidade nessa relação de acolhimento, de cuidado, de afeto, de sustentabilidade com a Mãe Terra e com o ser humano, conforme orienta o autor. Isso porque um depende do outro para a sua existência e sobrevivência já que estão interligados. Cabe nessa direção, nos compreendermos enquanto seres humanos, a planejarmos e aplicarmos um modo de vida sustentável sem causar tantos impactos à natureza e, conseqüentemente na vida do outro e a nós mesmos. Olhar-se endógena, pessoal e subjetivamente, requer, complementando o pensamento de Frei Betto (2016), o que nos traz felicidade, ou seja, o “relacionamento humano, a amizade, o amor, a generosidade, a compaixão e o respeito realidades que têm muito valor, mas não têm preço” (BOFF, 2016, p. 66). Felicidade construída dia após dia, em cada momento, única, singular, de sentimento, de verdade, de simplicidade, compartilhada, solidária, que implica, portanto, em “[s]er feliz” (BOFF, 2016, 75, grifos do autor). Felicidade que exige envolvimento, engajamento, participação, proatividade das pessoas que passam a dialogar, a trocar ideias, sentimentos, experiências, e assim, vão aprendendo com o diferente e, mutuamente passam a traçar seus caminhos, suas trajetórias de vida em comunhão com esse outro. Felicidade que “nunca será plena e completa devido à impenitência de nossa existência neste mundo (BOFF, 2016, p. 78).

Por fim, Cortella (2016) na terceira e última parte “**Felicidade: uma presença eventual, um desejo permanente...**” conduz suas reflexões lançando olhar para uma felicidade que é constituída/sentida/vivenciada a partir da partilha, do transbordamento, da simplicidade, da espiritualidade. Felicidade que faz o ser humano sentir-se produtivo, vivo, conforme ressalta o autor que tem a ver com “fertilidade”, com “vibração” (CORTELLA, 2016, p. 83). Para Cortella (2016), a felicidade é abundância, é ausência, é uma ocorrência eventual, é intensidade, é transitória, é circunstancial, é autêntica. Ela nunca é contínua, nunca é permanente, nunca é a mesma, assim como nós também não o somos, se o formos, seremos

repetíveis, não vibraremos, não transbordaremos, não aprenderemos, como aponta o autor. Sendo repetíveis, tornamo-nos automáticos feito máquinas, portanto, perdemos a nossa autenticidade e a nossa capacidade de nos conduzirmos a nós mesmos nos desafios, nos obstáculos, nas adversidades e nos momentos de felicidade.

De acordo com Cortella (2016, p. 108) “[v]ocê fica feliz quando é o que faz, o que fala e o que mostra. Isso lhe deixa inteiro, a vida vibra com mais força. [...] autêntico é aquele que coincide consigo mesmo”. Nesse caminho, o autor guia o leitor a olhar para dentro de si e propõe, assim, que este se atente para o mundo em que está inserido, pontualmente, no tocante à exposição nas mídias digitais (redes sociais) a partir de uma partilha que se exhibe a fim de uma necessidade de mostrar-se ‘feliz’ em uma postagem (foto, vídeo) quase que instantaneamente, compulsivamente. E, nesta ótica, problematiza Cortella (2016, p. 110) que “[a] pessoa precisa identificar se o que ela gosta é fazer o que faz ou é mostrar que está fazendo”? Cabe dizer ainda, que a necessidade de retorno desses *posts*, a partir dos comentários positivos ou negativos, pode levar a pessoa a uma “felicidade” ou a uma “infelicidade” que não é real, porque está atrelada a “ideia de que eu preciso estar sendo visto para poder ser feliz” (CORTELLA, 2016, p. 111).

Portanto, essas práticas cada vez mais frequentes no meio virtual/digital levam as pessoas a produzirem uma felicidade que de fato não existe, é criada, mas não é alimentada, cultivada, partilhada no sentido de sentir-me bem com o momento de felicidade que o outro apresenta a partir de uma imagem ou de um vídeo. Desse modo, a população acaba ficando hipnotizada, reduzido seu projeto de felicidade ao prazer imediato e em quantas “curtidas” esse imediato lhes proporciona. Assim, como as condições materiais, os bens de consumo não são produtos reais de felicidade. A felicidade não é um produto que você compra ali na esquina. A felicidade vai além, trata-se das relações de afeto, de carinho, de acolhimento do outro, das relações que são humanas e não materiais. Assim, como a “felicidade encontrável na espiritualidade é apenas quando eu tenho a ideia de gratidão” (CORTELLA, 2016, p. 130). Agradecer por ser feliz, por viver e aprender no dia a dia nas adversidades e nos êxitos, por aprender com o outro, em sociedade, na partilha.

Assim, a partir dos escritos de Frei Betto, Leonardo Boff e Mário Sérgio Cortella (2016) em “Felicidade foi-se embora?”, entendemos que não temos e jamais teremos controle de nossas ações, muitas vezes, tampouco a do outro, “porque vida é processo, processo é mudança e mudança também é para direções não desejadas” (CORTELLA, 2016, p. 119). Não sabemos, portanto não há certezas ou como premeditar o que está por vir. Há suposições. Nesse ínterim, cabe viver a cada dia, um dia de uma vez, com pessoas que amamos e

queremos por perto, com atividades que gostamos de realizar (caminhar, passear, entre outras). Conforme assinala Cortella (2016, p. 115) “[...] por mais estranho que pareça, é no desabamento que você vai aprender. Se você não aprende no cuidado, aprende no fato equivocado”. Em outras palavras utilizadas no cotidiano como ditado popular “você pode aprender no amor ou na dor”. A felicidade, segundo abordam/discutem e problematizam Frei Betto, Leonardo Boff e Mário Sérgio Cortella (2016), requer (re)pensar, refletir, encontrar, desencontrar, seguir adiante, voltar, seguir novamente.

A felicidade foi-se embora? Concordando com Cortella (2016), às vezes ela vai e pode voltar. Vai depender do nosso modo de ver, de compreender, de depreender, de apreender, de aprender, de sentir, de agir, de ser e das escolhas e posições que tomamos/assumimos social, histórica e ideologicamente. Vai depender se queremos nos arriscar, vibrar, cultivar, partilhar/compartilhar, ser solidário e receber a acolhida do outro também. Vai depender em partes, de mim, e em partes das ações que realizo no/sobre/com o outro e dos diferentes valores, crenças, credos, vivências que nos constituem e nos constituíram na/pela/com a vida em/na/pela/com relação ao outro. A felicidade nos encontra e, também, vamos ao encontro dela quando estamos abertos a aprender, a dialogar, a partilhar, a acolher e a (com)viver em sociedade e quando dela nada esperamos, assim como não expectamos nada do outro, porque cada um é cada um, e segue sua vida, alguns de forma reta, outros de forma torta, mas livres para escolherem ou serem escolhidos pelas ações, sentimentos que podem e geram a felicidade.

AGRADECIMENTOS: Ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina - UNIEDU PÓS-GRADUAÇÃO, mantido pelo Programa de Bolsas do Fundo de apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – FUMDES.

REFERÊNCIAS

BETTO, F.; BOFF, L.; CORTELLA, M. S. **Felicidade: foi-se embora?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

GEGe. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavra e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

Como referenciar este artigo

POTTMEIER, S.; FISTAROL, C. F.; CAETANO, M. H. C. Felicidade: foi-se embora? **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 22, n. 2, p. 513-520, jul./dez. 2020. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v22i2.13298>

Submetido em: 20/06/2020

Aprovado em: 30/07/2020

Publicado em: 31/08/2020